

Trabalho docente e isolamento/distanciamento social: (auto)narrativas de professores

Claudene Ferreira Mendes Rios
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus XI
claudenefmr@uol.com.br

Resumo

“Isolar para viver” é uma metáfora que o grupo de pesquisa Geo(bio)grafar: geografia, diversas linguagens e narrativas de professores, da Universidade do Estado da Bahia/Brasil (UNEB), escolheu para nominar um projeto de pesquisa no tempo da pandemia de Covid-19 que, entre as várias ações a serem devolvidas, escrever cartas aos colegas para contar como estavam sobrevivendo, vivendo, foi uma delas. Estas cartas apresentam narrativas sobre diversas dimensões da vida, e neste escrito a busca foi por apreender os modos como os professores narram as interações, articulações do mundo do trabalho e da vida cotidiana no singular e inesperado isolamento/distanciamento social. Para o desenvolvimento do texto, utilizamos da pesquisa narrativa com foco nos estudos de Dominicé (2010), Josso (2010), Larrosa (2002), entre outros, no intuito de analisar de forma compreensiva (Ricoeur,1976) como o trabalho docente precisou de adequação no tempo do isolamento, considerando os diferentes modos de cada professor trabalhar. Por conclusão, emergiram das narrativas que o desassossego permeou as ações num primeiro momento, decorrente dos desafios estruturais, a falta das relações presenciais no decorrer do processo, além de ficar evidenciado que o trabalho foi exaustivo e que precisa ser repensado, reorganizado para integrar práticas e saberes decorridos deste tempo pandêmico.

Palavras-chave: Cartas. Isolamento/distanciamento social. Trabalho docente.

1 - Reflexões iniciais

A pandemia da Covid-19 foi um evento da área da saúde, mas com interferências marcantes nas demais área da vida. Em fevereiro de 2020 foram registrados os primeiros

casos da pandemia da Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 aqui no Brasil, provocando uma desestruturação jamais vista na vida das pessoas. Em meados de março do corrente ano foi necessária a submissão dos seres humanos ao isolamento, distanciamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), devido a facilidade de contágio pelo vírus que provoca a doença da Covid-19.

Este cenário afetou a dinâmica da vida cotidiana, provocando um emaranhado de sentimentos (medo, angústia, desconfiança, impotência etc., ...) em relação à preservação da vida e, também, quanto às relações e os modos de trabalho. No entanto, apesar deste contexto de isolamento, distanciamento social, emergiu a necessidade de preservação de vínculos, de encontrar meios de interação, de estabelecer objetivos que contribuíssem para o enfrentamento deste tempo de crise humanitária.

Para enfrentar essa realidade que se mostrou assustadora (não tínhamos como prever o quanto duraria, até quando teríamos de permanecer em isolamento), alguns professores e alunos da graduação e da pós-graduação, integrantes do grupo de pesquisa Geo(bio)grafar: geografia, diversas linguagens e narrativas de professores, vinculado ao Departamento de Educação (DEDC), Campus XI/Serrinha e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), da Universidade do Estado da Bahia/Brasil (UNEB), impossibilitados de se reunirem, presencialmente, trocaram ideias por meio das tecnologias digitais (grupo de WhatsApp e lives pelo Google Meet) e foram idealizados os projetos de extensão, “Vida e pandemia: narrativas em quarentena” e o projeto de pesquisa “Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia”, os quais foram ancorados na escrita, socialização e reflexão de narrativas autobiográfica no formato de cartas.

A escrita de cartas narrativas dos membros do Geo(bio)grafar expressando sentimentos, medos, táticas, estratégias para o exercício do trabalho docente no formato remoto e modos de enfrentamento ao isolamento, para preservar a saúde física e mental, se constituiu em um dispositivo de produção de dados para a pesquisa intitulada “Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia”, a qual intencionou: refletir sobre as vivências individuais e as experiências compartilhadas no período de quarentena; tematizar os impactos da pandemia na vida cotidiana, a partir da escrita narrativa autobiográfica na modalidade de cartas; identificar práticas, táticas e/ou estratégias de enfrentamentos do coronavírus e da Covid-19 adotadas no cotidiano da vida; listar os principais temas e sentimentos que emergem das narrativas no contexto da pandemia; cotejar narrativas sobre práticas de enfrentamentos

do coronavírus e da Covid-19 durante este contexto de isolamento social; analisar a questão do isolamento social, e a elaboração de rotinas de trabalho e estudo na dimensão *home office*, os desafios da imposição do ensino remoto emergencial e suas implicações no contexto da formação do trabalho docente.

Em 2021 foram realizados os encontros denominados “Café, Prosa e Narrativas” – segunda ação do projeto de extensão supracitado, nos quais as cartas foram lidas e comentadas pelos membros do grupo. Esta ação, embora remota, foi marcante e muitas emoções foram sentidas, pois a socialização das cartas nos possibilitou saber como cada integrante do grupo estava fazendo para enfrentar esse tempo pandêmico.

Face ao exposto, este trabalho tem por foco a análise e interpretação das narrativas que compõem a escrita de cinco cartas de professores que atuam no ensino superior, no campo da formação de professores, com o objetivo de apreender os modos como os professores narram as interações, articulações do mundo do trabalho e da vida cotidiana no singular e inesperado isolamento, distanciamento social, retratadas nas cartas intitulada: “De que são feitos os dias em tempos de pandemia? Narrativas de uma professora em quarentena”; “Acreditar é um processo de reinvenção”; “Emaranhadas: assim são as coisas da vida”; “Uma carta em tempos de pandemia: narrativas de vida entre poesia, personagens e ciência” e “Diálogo com meu amigo”.

O referencial teórico-metodológico assume a perspectiva dos estudos e pesquisas desenvolvidas por Passeggi (2011), Dominicé (2010), Josso (2010), Nacarato (2010), Delory-Momberger (2008), Catani (2003), Larrosa (2002), Ricouer (1976), dentre outros autores e pesquisadores, pois as (auto)narrativas têm potencialidades para promover significação de vivências de passados longínquo ou de passados próximo e transformar experiências vividas em práticas de formação e (auto)formação.

Quanto ao delineamento desta escrita, segue a seguinte disposição: 1- Reflexões iniciais - cujo a centralidade está na apresentação dos projetos “Vida e pandemia: narrativas em quarentena” e “Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia”, desenvolvidos no contexto vivenciado no tempo do isolamento, distanciamento social; 2 – O desassossego ... a quebra da rotina - evidenciando as medidas tomados pelos órgãos reguladores da educação para conduzir, otimizar o trabalho docente no Brasil; 3 – Aprendizagens: (re)invenções dialógicas e processos de encontro de significados – identificando movimentos e ações para assegurar a dinâmica da vida laboral docente no ambiente doméstico; e 4 – Reflexões finais,

considerando uma realidade complexa e que exige olhares diferente para uma tomada de posição quanto ao trabalho docente e a vida no cotidiano pandêmico.

Vale ressaltar que, a intenção desta proposição de trabalho é potencializar a dimensão da pesquisa narrativa mediante a escrita de cartas enquanto dispositivo de pesquisa que possibilita apreender a compreensão sobre o vivido, nesse caso específico, sobre a vida, nas dimensões pessoais e profissionais de professores.

2 – O desassossego ... a quebra da rotina

No movimento de incertezas e buscas de alternativas para seguir vivendo, sobrevivendo, o grupo de pesquisa Geo(bio)grafar convidou seus integrantes a escrever cartas uns aos outros contando como estavam enfrentando a realidade do isolamento, afastamento social. Estas cartas se tornaram fonte de pesquisa por trazerem as percepções de um grupo de professores que atuam na universidade e também na educação básica e alunos da graduação e pós-graduação. São narrativas de um tempo (ano de 2020 do século XXI), que já está na história e que serviu e -servirá para compreender, refletir, analisar como a realidade afetou e afeta cada um de modo singular e coletivo. Foram escolhidas, para esta análise, cartas de cinco professores que têm em comum o local de trabalho - Campus XI/Serrinha – UNEB, submetidos as mesmas regras de afastamento no trabalho, mas que sentiram o desassossego emergente da pandemia recorrendo a estratégias diferenciadas, e outras comuns, no singular das suas vidas privadas e no plural do coletivo.

Assim, para ancorar a análise, é preciso destacar que a pesquisa narrativa

possibilita compreender os modos como os professores dão sentido ao seu trabalho e atuam em seus contextos profissionais, ou seja, como constroem seu conhecimento, que tem caráter biográfico, pois é desenvolvido ao longo de sua história de vida, sendo fruto da interação entre pessoa e contexto. (Bolívar et al, 2002, p. 175)

Nesta perspectiva, apresentamos excertos das cartas que demonstram as percepções dos professores sobre a necessidade de isolamento, sobre o desafio de trabalhar remotamente e sobre o enfrentamento da pandemia de modo geral, pois, “conhecer o contexto de formação dos professores é penetrar na constituição de suas identidades e subjetividades” (Nacarato, 2010, p. 135).

Igualmente, mudar de rotina por escolha tem sempre a potencialidade de ser para melhor, porém, se for alterada de forma brusca, inesperada, por imposição, causa desassossego – foi isso que a pandemia de Covid-19 provocou, uma mudança muito drástica na rotina da vida cotidiana e na vida do trabalho, que de um dia para o outro, muitas das ações de todo dia, simplesmente deixaram de ser realizadas pela necessidade de isolar as pessoas, no intuito de conter o alastramento da Covid-19.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) indicou a necessidade do afastamento e isolamento social e o Ministério da Saúde no Brasil divulgou as recomendações, a saber: a utilização de máscaras nos lugares públicos, o fechamento do comércio, das escolas, das faculdades e universidades e das igrejas. Essa tomada de decisão pelas autoridades para preservar as vidas humanas, impactou muito na rotina – e agora, como faremos para continuar com nosso trabalho? Foi uma indagação que ecoou nas conversas com familiares e amigos, e com os colegas de trabalho. E na Bahia, o Decreto nº 19.528/2020, de 16 de março de 2020, do governo do Estado da Bahia, instituiu o trabalho remoto no âmbito do serviço público no Estado e o Decreto nº 19.532/2020, de 17 de março de 2020, suspendeu as atividades nas escolas e universidades. Foi difícil assimilar todo este contexto de mudança repentina - ficar isolado para sobreviver foi um choque que perdurou por um tempo.

Tem sido muito difícil conceber a ideia de que a nossa liberdade está fadada à impossibilidade de ir e vir, de deslocar-se, de movimentar-se, de fazer escolhas, de traçar as rotas e percorrer caminhos. Isso sim causa uma frustração e um desassossego. (Portugal, 2022. p. 31)

E,

Ao observar, refletir, sobre tudo que vem acontecendo desde fevereiro de 2020, quando eclodiu a pandemia, *Covid19*; e, que de lá para cá temos vivido tempos atípicos, como: trabalho remoto, o tal *home office*, uso de máscaras, álcool em gel e isolamento social; tudo isso tem causado muitos problemas de diversas ordens: sociais, econômicas, políticas e familiares. A ansiedade, transtornos e desequilíbrios orgânicos têm sido evidenciado entre os pares e pessoas próximas. (Passos, 2022, p. 73)

Além de que,

Isolar-se para proteger a quem amamos é inédito, nunca pensei passar por isso, apesar de ter estudado um pouco sobre vírus e saber que doenças virais são contagiosas – algumas mais, outras menos. A Covid-19 só tem similaridade com a gripe espanhola que assolou muitos países no final da segunda década do século XX. (Rios, 2022, p. 51)

Desses excertos de Portugal, Passos e Rios, emerge que isolar-se não foi fácil, que a necessidade de limitar o ir e vir causou frustração, ansiedade, desassossego e problemas de diversas ordens.

E, nos argumentos de Reis, que além de professor é poeta (2022, p. 37) sentimentos foram expressos.

Penso que como muita gente, eu tenho enfrentado estes momentos pandêmicos com certo sofrimento, que por vezes me causam mal; o que alivia um pouco, além dos trabalhos, é escrever; tenho tentado organizar textos para possíveis publicações, mas não tenho tido muito sucesso nesta área. [...] Escrever textos poéticos e agora esta carta é uma maneira de, em meio a outros cuidados como o isolamento, o uso dos equipamentos de proteção individual (EPI), e o uso de protocolos de higiene, tudo isso vão garantindo nossa sobrevivência nestes convívios tão diferentes.

Nessa mesma direção, a percepção e cumprimento do isolamento e afastamento assustou, tanto na vida privada, quanto na dimensão do trabalho, inclusive:

Nos primeiros dias parecia um pesadelo, só que acordado. Foi desconcertante deixar de fazer o que estava acostumada a fazer presencialmente, mas era preciso fazer alguma coisa, pois tanto eu quanto os Alunos estávamos assustados com a situação instalada. A alternativa foi ampliar o contato com os alunos através de e-mails e grupos de WhatsApp – esse contato já era feito com alguns alunos, o que possibilitou chegarmos a todos. (Rios, 2022, p.54)

É importante destacar que com o fechamento das universidades os professores foram obrigados a reorganizarem seus modos de trabalho de modo brusco, pois mesmo quem não tinham qualquer intimidade com as mídias digitais, precisou utilizá-las para fazer o básico no ensino remoto emergencial que foi um dos modos que a sociedade brasileira utilizou para enfrentar a pandemia na área educacional.

Fazer o básico significou buscar alternativas para concluir o semestre letivo de 2019.2 que estava em curso quando foi decretado o isolamento/afastamento na Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI, e estabelecer contatos por grupos de WhatsApp e e-mails foram as primeiras ações que possibilitaram trocas de informações, entrega de trabalhos, correções, feedback. Logo depois começaram aulas remotas através do Google Meet e Teams e interações pelo Google sala de aula e sala de aula do Teams. Essas alternativas para a mediação pedagógica foram importantes, assegurando o contato com os alunos e por consequência, garantiu a conclusão do semestre de 2019.2, mesmo enfrentando muitas dificuldades: internet falhando, pouca familiaridade por parte do professor e dos alunos com estes ambientes e a angústia de estar em casa o tempo todo.

A casa tornou-se local de trabalho em tempo integral e novas rotinas foram sendo estabelecidas. As pessoas começaram a denominar de “novo normal” as alternativas vivenciadas para continuar trabalhando e sobrevivendo, apesar da pandemia.

Nesse “novo normal” conciliar os afazeres da profissão com os serviços domésticos, em tempo integral, tem sido um grande desafio, o qual, nunca estive disposta a potencializar e me qualificar. Os atravessamentos da rotina de uma professora e o funcionamento da casa causam um descompasso no tempo e no espaço da minha vida, agora, envolvida nessa dupla jornada. Parecia que o tempo não dava tempo para fazer as tarefas sem a sensação de insatisfação, como se algo ainda estava por fazer, nesse formato da vida cotidiana, chamado “novo normal”. (Portugal, 2022, p. 29)

Há uma tensão exposta nessa narrativa de Portugal entre o trabalho docente e a vida doméstica. Na verdade, as casas foram tomadas pelo trabalho e como toda a família estava em isolamento, não foi fácil conciliar as dinâmicas de sala de aula com a sala e ou um quarto de casa, visto que outras pessoas estavam no mesmo ambiente e possivelmente, fazendo outras atividades. A articulação dessa realidade foi um desafio, considerando que em meio a vários interesses, o que deveria prevalecer? Então, estabelecer combinados na família, criar outras rotinas foi o que aconteceu. A necessidade foi imperativa.

Mas, ainda sobre esta tensão do início do isolamento, Oliveira (2022, p. 105) nos contou que,

No início da pandemia, a sensação foi estranha, deu medo, medo do desconhecido, do inesperado, medo de pegar o Covid-19 e infectar entes queridos, como minha mãe que é idosa e possui alguns problemas de saúde que a coloca no grupo de risco. Nesse contexto, eu me mantive em casa e iniciei uma reorganização dos espaços da casa, arrumei armários, meu gabinete, joguei fora papéis velhos, separei roupas que não usava, comecei a limpar a casa, corriji trabalhos, artigos pendentes, associando as atividades acadêmicas e domésticas, e me isolei também de familiares e o mesmo eles fizeram. Após duas semanas, minha mãe começou a dar indícios que não suportaria o isolamento ao extremo e passou a ficar comigo durante a semana, indo para a sua casa somente nos finais de semana quando seu marido estava em casa, para não sentir a solidão.

Todo este movimento de convivência diária com os entes queridos e com o trabalho docente precisaram de ajustes, que não foram simples, pois o fato de estar o dia todo em casa, foi complicado separar a disponibilidade para a família e para o trabalho, até porque com o uso dos grupos de WhatsApp não tinha horário definido para as articulações envolvendo o trabalho. Foi preciso aprender a definir um tempo para os retornos, até porque, essa, foi uma das alternativas que muitos professores incorporaram ao seu fazer docente.

Para Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p. 86), “a investigação narrativa permite entender como os professores dão sentido ao seu trabalho e como atuam em seus contextos profissionais”. Ou seja, é possível identificar nas narrativas desses professores que o isolamento e afastamento provocaram mudanças na dinâmica do trabalho docente, foi necessário estabelecer alternativas para continuarem trabalhando, porém, repensá-las e reorganizá-las se constituíram a base para dar significados a prática pedagógica de formação. Além disso,

os sujeitos criam uma imagem de si próprios que constitui uma instância da realidade relativa à sua maneira de representar a própria existência, sobretudo a tocante as escolhas efetuadas no decorrer da vida e aos valores que cultuaram em sua prática docente. (Catani, 2003, p. 153)

Assim sendo, os excertos apresentados mostram que cada um narrou seus modos de sentir, apresentando suas percepções de um tempo em comum, mas ao mesmo tempo diferente pelas singularidades individuais.

3 – Aprendizagens: (re)invenções dialógicas e processos de encontro de significados

Encarar o tempo de isolamento e afastamento social como uma crise sem precedentes é uma opção, porém, fazendo um esforço reflexivo é possível perceber que houve e há aprendizados a serem percebidos. Na perspectiva de Arendt (1997, p. 223),

[...] uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão.

Na verdade, o tempo pandêmico assustou, deixou impactos e provocou perdas irreversíveis, principalmente, de vidas humanas. E refletindo sobre as perdas humanas, Portugal (2022, p. 34-35) escreveu:

Certo dia, ainda no período de isolamento, por conta de uma notícia ruim recebida no *WhatsApp*, pensei na possibilidade de vir a ser mais uma vítima e imaginei a minha história grafada no *Memorial Inumeráveis*. Seria eu mais uma professora, imortalizada, com uma pequena história no Memorial Inumerável? Quem escreveria sobre mim? O que destacaria? Quais lembranças o(a) escritor(a) deixaria por escrito para eternizar a minha vida nesse portal, um pouco do que vivi, da minha passagem nesse mundo? Como seria a vida dos que fazem parte da minha sem mim? Imaginem, amigos, no isolamento tive tempo até para pensar sobre essas questões. Lampejos que

movilizam memórias e, sobretudo a imaginação e permitem até criar um possível enredo sobre uma história imaginária. [...] Que loucura isso!

Esse misturar o vivido com o esperado faz parte da imaginação humana e possibilita reflexões e aprendizagens, além de evidenciar como a realidade nos atravessa físico e mentalmente. Mas, em relação ao trabalho docente, o isolamento, afastamento possibilitaram outras formas de fazer, evidenciando a imprevisibilidade, apresentando adequação nas formas de avaliação e tornado mais comum a utilização de dispositivos tecnológicos nas práticas pedagógicas.

Dessa forma, esta crise serviu para acelerar processos no campo educacional no que se refere ao uso das tecnologias na educação, até porque, ao recomendar o ensino remoto emergencial nas universidades e na educação básica, os órgãos educacionais contaram e contam com o compromisso dos professores em enfrentar esta nova realidade, tomando por base algumas práticas já conhecidas em pequena escala.

A adequação de ações pedagógicas e atitudes foram as marcas registradas do trabalho docente efetivado pelos professores em foco, ou seja, “- sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou na maneira de pensar seu meio ambiente e/ou de pensar em si por meio de novas atividades” (Josso, 2010, p. 70).

Para Oliveira (2022, p. 105-106),

Tudo era estranho e novo! Tentei me adequar a esta nova realidade, às atividades remotas, híbridas, trabalho incessante, os quais demandavam mais tempo e esforços para acompanhá-las! Confesso que isso tem me cansado muito e tem consumido as minhas energias, contribuindo para o meu esgotamento físico e mental, sobretudo a minha saúde emocional, pois o trabalho docente aumentou no período de pandemia e mesmo estando aberta ao novo, ele chegou e se instalou, sem, nem sequer, dar tempo para a preparação e, de uma hora para outra, eu tive que me adequar, dar conta de inúmeras demandas, sobretudo utilizar novas ferramentas de comunicação, as redes virtuais/tecnológicas, necessárias a este novo contexto histórico que estamos vivendo, de modo a permanecer no mundo, em conectividade, para dar continuidade ao trabalho docente, sobretudo na universidade.

De fato, houve o enfrentamento da realidade com todas as suas demandas, acarretando esgotamento físico, emocional e mental aos professores, que para seguirem trabalhando, enfrentaram as imprevisibilidades decorrentes do “novo”. Entretanto, cabe pontuar que sobre a carga de trabalho a ser desenvolvida desencadeou uma certa nostalgia em relação a realidade anterior, que não era tão adequada, pois, em tempos de crise, buscar conservar o

passado e o vivido são atitudes de sobrevivência, mas ao mesmo tempo, perceber oportunidades de aprendizagens é dar espaço para a construção de outros saberes.

Segundo Passeggi (2011, p. 149),

entre um acontecimento e sua significação, intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou que está acontecendo. A experiência, em nosso entendimento, constitui-se nessa relação entre o que nos afetou. Isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, (re)interpretar.

Assim sendo, neste movimento de mudança por imposição da realidade, ressignificar atitudes, reorientar práticas e construir novos significados para as ações desenvolvidas se tornou uma necessidade ao trabalho docente, que nas reflexões de Reis (2022, p. 38), encontra conexão, interação e identificação com personagens da literatura.

E assim, somos levados a nos identificar com os personagens. Com qual personagem ou super-herói cada um de nós se identifica? Será que despertou uma Alice? Aquela do país das maravilhas, mesmo considerando que em vários aspectos não vivemos em um país de maravilhas. Neste momento específico, a Alice pode estar em muitas pessoas: contemplar o futuro, estar sempre à frente do seu tempo, a proatividade, e assim segue-se com características que são peculiares, especialmente nestes tempos.

Além disso, no campo da construção de significados/sentidos e busca por novos aprendizados/saberes, Rios (2022, p. 56) reconhece que,

reconheço que para uma mudança significativa do ritmo de trabalho, seja necessário maior aceitação da realidade – isso para mim ainda é processo, ainda sinto muita falta do que acontecia no ambiente físico das aulas e também ampliação do aprendizado sobre as potencialidades das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) para desenvolver minhas ações docente, que tem por princípio proporcionar aprendizagens afetivas, conceituais e procedimentais em relação a área de matemática que é um ciência humana com seus aspectos qualitativos e quantitativos.

Todo o percurso de aprendizagens no isolamento/afastamento esteve embasado nas experiências vivenciadas pelos professores, que se permitiram, apesar das incertezas, a levar o ensino remoto emergencial a seus alunos, buscando ressignificar os motivos por estarem em aula, os valores e as pressões que influenciaram/influenciam o trabalho docente, e que, portanto,

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2002, p. 24)

Tal possibilidade, pode criar condições de resgate e avanço para a prática docente, considerando que “a docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação de professores”. (Tardif & Lessard, 2012, p. 35).

Agora, passados mais de seis meses (estamos no início de outubro), já tenho um ritmo de trabalho mais organizado, porém tem sido uma batalha constante se adequar ao trabalho em casa. Sinto falta da dimensão da presencialidade – o contato físico com alunos e colegas proporciona diversas emoções, cada encontro é diferente e a dimensão da sociabilidade é vivenciada, mesmo com estranhamentos. Por isso, tem sido difícil acostumar com este novo ritmo de trabalho – é solitário fisicamente: falta abraços, olhares, sorrisos e caras fechadas e sorridentes. (Rios, 2022, p. 55)

Desse excerto emerge que, mesmo com outras rotinas construídas ao longo do tempo (seis meses de isolamento e afastamento), a falta do contato humano foi o que mais fez falta, a solidão do ensino remoto emergencial diz muito sobre como nós (seres sociais), precisamos interagir na presencialidade, com direito a afeto, toque, cheiros, olhares, rusgas, enfim, “aquilo que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda” (Dominicé, 2010, p.87).

Em outros excertos identificamos (re)invenções, afeto, amor pela docência, saudades, a saber: “Na educação, tenho trabalho em benefício dela, pois, como o Amigo tem conhecimento, adoro ser professora e estou tentando acolher, da melhor forma, os estudantes que estão, assim como eu, em isolamento social” (Passos, 2022, p. 75).

As lives, as mensagens, os áudios, tem nos ajudado a mantermos nossos vínculos de amizade e até fazer outros, porém, sinto um vazio enorme no peito. Tenho saudades dos abraços, dos perfumes, dos olhares que aprovavam ou reprovavam nossas atitudes, da algazarra dos almoços, de dividir uma merenda, enfim, de conviver no mesmo ambiente físico. (Rios, 2022, p. 58-59)

Apesar da impressão de imobilidade, passividade e de impotência, era preciso expressar sentimentos e estabelecer conexão com o mundo exterior, com as pessoas do lado de lá, com as pessoas com quem importamos e com quem se importa comigo. Então, estabeleci uma meta que, por conta de demandas de trabalho e outros interesses, infelizmente, não pude atingir o que havia determinado. Prometi a mim mesma que a cada noite escolheria uma pessoa amiga para conversar sobre a vida e como estava lidando com as condições impostas pelo isolamento social. (Portugal, 2022, p. 37)

Desse modo, apesar das dificuldades encontradas, as atitudes e ações desenvolvidas pelos professores ensinou e ensina que a dimensão afetiva foi, é e será muito importante nesta

trajetória e, é fundamental no cuidado com as pessoas de modo geral e em formação. Todo cuidado conta.

4 – Reflexões finais

O isolamento e afastamento vividos nos anos de 2020 e 2021 devido a pandemia da Covid -19 marcaram as vidas e o trabalho docente, mas não há dúvida de que o tempo passa e que as aprendizagens decorrentes das experiências se transformam em reflexões, mudanças de comportamento e outros saberes com potencial para subsidiar outras práticas.

Nesta perspectiva, o que é possível compreender, analisar, inferir a partir das análises das narrativas que constam nas cartas dos cinco professores que no período da pandemia tiveram o seu ir e vir cessados por conta de um fenômeno raro e indesejável, que só tínhamos referências, a algo similar, pelos livros de histórias - a gripe espanhola que aconteceu na segunda década do século XX. A partir deste fenômeno fica o aprendizado de que é preciso prestar mais atenção na previsão de eventos raros, para que possam ser realizadas ações que possam diminuir e abrandar os impactos, pois ser raro não implica ser impossível.

Também é fato que aprender com a realidade é uma constante para quem trabalha com a docência; a cada aula, dia, as pessoas não são as mesmas e constante é a mudança, pois a complexidade deste tempo vivido, das relações familiares e trabalhistas demandaram e demandam uma necessidade de adequação ao tempo real, imperativa, sem margens de escolhas. A manutenção da vida implicou em uma estruturação do fazer docente no decorrer do processo, e como indica Delory-Momberger (2008, p. 110), “os percursos de formação são estruturados pelos quadros sociais e institucionalizados nos quais se desenvolvem e se eles são modelizados pelas representações coletivas que os sujeitos incorporam”. Ou seja, analisar as experiências desses professores, perpassa por compreender os modos como deram significados e sentidos a cada ação que precisou ser desenvolvida, considerando as normas que tiveram que acatar, no coletivo e no particular. Logo, todo este percurso de formação esteve imerso nas demandas sociais, no fluxo da vida pessoal e doméstica e nos sentimentos de medo, angústia, insegurança, solidão e confiança/esperança de que haveria de passar.

Além disso, foi um tempo de enfretamento, de superação, porque as experiências, muitas vezes, são dolorosas, outras, apesar do sentimento de desamparo no conviver com o

desconhecido, produzem resultados significativos e tornam-se boas lembranças, com potencialidade para ressignificar ações e construir outros saberes.

E, no decorrer do isolamento e afastamento social ficou evidenciado, nas ações de formação, uma fragilidade na efetivação do ensino remoto emergencial para além de todo o empenho dos professores, que foram as dificuldades impostas pelos problemas tecnológicos por falta de aparato logístico, e quanto ao desconhecimento de como operar com as plataformas utilizadas para o trabalho docente.

Portanto, compreender a seriedade do momento vivenciado – inédito, desafiador, também aterrorizante, e ser capaz de perceber como potencialidade formativa que possibilitou aos professores adequações, inovações para a efetivação da docência, como também decorrem aprendizados que possibilitam mudar práticas cristalizadas que agora ganham maior efetividade com o auxílio das tecnologias digitais, se constituiu e constitui num importante saber para construir outros saberes e aprendizados.

Na perspectiva de Soligo (2015, p. 150),

vivemos tempos difíceis e estamos na travessia para outros que não são sabemos bem quais, se em muitos casos temos vazios no olhar, por falta de acontecidos que nos sirvam de âncora para encarar os acontecimentos, melhor ter não apenas esperança, mas convicção. E que convicção há de nos servir? A de que, em tempos de Ainda-Não, entre o Nada e o Tudo, podemos inventar inéditos em nossa vida pessoal e na vida social que compartilhamos com sujeitos assim como nós, semelhantes, diferentes, singulares.

Sim, foi um tempo de enfretamentos, medos, compromissos, esperanças e inventos que possibilitaram as diversas trajetórias manterem o trabalho docente. Porém, conscientes das necessidades formativas, será preciso continuar compromissados e inventivos para cuidarem de favorecer as mudanças que torne o trabalho docente mais eficiente do ponto de vista da aprendizagem dos alunos e ao mesmo tempo, um fazer que eleve o professor ao aperfeiçoamento das virtudes que engrandece os humanos. Na perspectiva de Passos (2022, p. 77), “gratidão Amigo, querido, [...] eu creio no Teu poder que tudo transforma; creio que tudo que estamos passando tem uma finalidade; um ensinamento; porque estamos na vida para aprender; e, quem desejar aprender que aprenda”.

Ratifico que não foi tarefa fácil decidir pelos excertos aqui apresentados, dada a complexidade das narrativas que evidenciam sentimentos e ações vivenciadas que deram conta do movimento de enfrentamento da realidade, pois o ensino remoto emergencial foi um momento crítico para os sistemas de educação que se mostraram frágeis em termos estruturais

e pedagógicos, mas que puderam contar com a seriedade da maioria dos professores em buscar formas alternativas de trabalho, articuladas com as tecnologias disponíveis.

Por fim, há a compreensão e corroboramos com as ideias de Ferraço (2003, p. 160) ao afirmar que, “somos, no final de tudo, pesquisadores de nós mesmos, somos nosso próprio tema de investigação”.

5 – Referências

- Arendt, H. (1997). *Entre o passado e o futuro*. 4. Edição. São Paulo: Perspectiva.
- Bolívar, A., Domingo, J., & Fernández, M. (2001). *La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología*. Madrid: La Muralla.
- Bolívar, A. et al (2002). *Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. Bauru: Edusc.
- Catani, D. B. (2003). “Minha vida daria um romance”: lembranças e esquecimentos, trabalho e profissão nas autobiografias de professores. In M. T. S. Cunha, & A. C. S. Mignot. *Práticas de memória docente*. (pp. 149-166). São Paulo: Cortez.
- Decreto nº 19.528, de 16 de março de 2020. (2020). Institui, no âmbito do Poder Executivo Estadual, o trabalho remoto, na forma que indica, e dá outras providências. Governo do Estado da Bahia. Gabinete do Governador. Disponível em: <http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/decreto-no-19528-de-16-de-marco-de-2020>. Acesso em 11 de setembro de 2023.
- Delory-Momberger, C. (2008). *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus.
- Dominicé, P. (2010). O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In A. Nóvoa, & M. Finger. *O método (auto)biográfico e a formação*. (pp. 81-95). Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus.
- Ferraço, C. E. (2003). Eu caçador de mim. In R. L. Garcia. (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. (pp. 157-175). Rio de Janeiro: DP&A.
- Josso, M-C. (2010). Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In A. Nóvoa, & M. Finger, (Org). *O método (auto)biográfico e a formação*. (pp. 59-79). Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.12, p. 20-28, jan.-fev.-mar.-abr.
- Nacarato, A. M. (2010). Narrativas (auto)biográficas: artes de conhecer como professores de matemática se constituem profissionalmente. In V. L. G. da Silva, & J. L. da Cunha (Orgs.). *Práticas de formação, memória e pesquisa (auto)biográfica*. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica.

- Oliveira, S. S. de (2022). Acreditar é um processo de reinvenção. In J. F Portugal; C. F. Mendes; H. R. Souza; P. P. Q. Souza & S. S. Oliveira (Orgs.). *Isolar para viver: grafar, narrar e reinventar a vida*. Livro 1. (pp.99-114). Rio de Janeiro: Consequência Editora.
- Passaggi, M. da C. (2011). A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago.
- Passos, M. B. de A. (2022). Diálogo com meu amigo. In J. F Portugal; E. N. B. Freitas; J. A. Santos & D. R. Duarte (Orgs.). *Isolar para viver: experienciar, sentir e narrar a vida*. Livro 2. (pp.73-77). Rio de Janeiro: Consequência Editora.
- Portugal, J. F. (2022). De que são feitos os dias em tempos de pandemia? Narrativas de uma professora em quarentena. In J. F Portugal; C. F. Mendes; H. R. Souza; P. P. Q. Souza & S. S. Oliveira (Orgs.). *Isolar para viver: grafar, narrar e reinventar a vida*. Livro 1. (pp.27-48). Rio de Janeiro: Consequência Editora.
- Reis, I. C. dos. (2022). Uma carta em tempos de pandemia: narrativas de vida entre poesia, personagens e ciência. In J. F Portugal; E. N. B. Freitas; J. A. Santos & D. R. Duarte (Orgs.). *Isolar para viver: experienciar, sentir e narrar a vida*. Livro 2. (pp.35-45). Rio de Janeiro: Consequência Editora.
- Ricouer, P. (1976). *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edição 70.
- Rios, C. F. M. (2022). Carta. Emaranhadas: assim são as coisas da vida. In J. F Portugal; C. F. Mendes; H. R. Souza; P. P. Q. Souza & S. S. Oliveira (Orgs.). *Isolar para viver: grafar, narrar e reinventar a vida*. Livro 1. (pp.49-61). Rio de Janeiro: Consequência Editora.
- Soligo, R. (2015). Metodologias dialógicas de formação. In G. do V. T. Prado, et al. *Fala outra escola. O teu olhar transforma o meu?*. Campinas – SP: FE/ UNICAMP.
- Tardif, M., & Lessard, C. (2012). *O Trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.